

Relevância ou Kluges?

Jorge Campos

Faculdade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(PUCRS)

jc campos@pucrs.br

Resumo. *A Teoria da Relevância de Sperber & Wilson (1986) é uma abordagem de comunicação humana na interface com a cognição que pressupõe racionalidade e evolução dirigida. A obra “Kluge – A haphazard construction of human mind” descreve o cérebro/mente enquanto resultado de evolução caótica e, por isso mesmo, cheio de irracionalidades. Os aparentes conflitos podem ser contornados?*

Abstract. *Sperber and Wilson’s Relevance Theory(1986) deals with human communication within the interface with cognition which presupposes guided rationality and evolution. The work “Kluge – A haphazard construction of human mind” describes the brain/mind as a result of a chaotic evolution, thus permeated with irrationalities. The apparent conflicts between these two point of views can be overcome.*

Palavras-chave: Teoria da relevância; kluges; cognição; mente

Sperber&Wilson (1986/95/05) defendem, há mais de vinte anos, uma interessante abordagem sobre a interface comunicação-cognição conhecida como Teoria da Relevância(TR). São dois os princípios básicos que sustentam a arquitetura conceitual da TR em sua forma clássica:

1. Princípio Cognitivo de Relevância

A comunicação humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância

2 .Princípio Comunicativo de Relevância

Todo estímulo ostensivo (intenção informativa e comunicativa) comunica a presunção de sua própria relevância ótima – o estímulo é relevante o suficiente para merecer o esforço de processamento da audiência e – é o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador. O grau de relevância é diretamente proporcional à relação entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo. Em contextos idênticos, tanto menor o primeiro e tanto maior o segundo, mais relevante o estímulo.

Os dois princípios básicos acima assumidos são compatíveis com três suposições metateóricas da TR: a evolução da cognição humana presume o princípio cognitivo da relevância; a modularidade massiva da mente favorece módulos inferenciais dedicados; e

a racionalidade do processo comunicativo humano garante o processo de relevância enquanto relação ótima entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo.

O quadro apresentado acima pressupõe uma compreensão do binômio comunicação-cognição enquanto construção sistêmica da história da espécie humana em sua caminhada evolutiva. A concepção da TR é compatível com a idéia de direção e não se opõe a teorias do desenho inteligente.

Gary Marcus(2008), do NYU Center for Child Language em sua obra mais recente, Kluge – The Haphazard Construction of Human Mind, defende a tese de que a mente humana é constituída de inúmeras falhas em decorrência de uma história evolutiva ao acaso e sem qualquer direção. Para ele, devemos responder negativamente à especulação shakesperiana “are human beings noble in reason and infinite in faculty?” De fato, argumenta Marcus, são muitas as evidências de que a cognição humana é constituída de incontáveis “Kluges”, uma metáfora para artefatos de uso ad hoc e que teriam sido desenhados para outros fins. Aos infinitos estímulos do processo evolutivo, o que se tem é uma resposta adaptativa ao urgente, não ao relevante. Assim construída, a mente humana funciona como um complexo mecanismo do contingente em que são as circunstâncias que a determinam. A habilidade da resolução de problemas antes de ser um conjunto ordenado e sistêmico de operações lógicas é uma espécie de dispositivo tipo MacGyver, enquanto solução que funciona seja ou não a melhor. “It is not the most elegant solution to this problem, but hey, it works”. Tal como aconteceu, aliás, com a Apollo 13, em que até sacos de papel foram usados para purificar o ar na nave. Foi uma solução deselegante e imprópria, mas funcionou. Sim, somos um exemplo de cognição cheia de dispositivos idiossincráticos. Temos crenças irracionais, uma memória que se deteriora, com formatos confusos e obscuros e cuja vaguidade nos garante muito pouca certeza sobre o que lembramos. Não trabalhamos nem em termos de pastas e arquivos, comuns hoje a máquinas elementares, nem conseguimos fazer contas complexas, coisas que calculadoras executam com precisão e rapidez. A nossa linguagem, pressupostamente diferenciadora da espécie, vem carregada de ambigüidades, de vaguidades, de redundâncias. Nossas emoções são conflitantes com nossas decisões racionais e nossa história vem dramaticamente construída por guerras inexplicáveis e cujas causas nem conhecemos com precisão. E o que dizer da fragilidade de nossa mente, com doenças que não parecem servir a nenhum propósito adaptacionista? Tomamos decisões estranhas a nós mesmos e votamos em pessoas sem saber exatamente por qual motivo e muitas vezes contra nossos próprios interesses. Aceitamos falácias com naturalidade e temos razões que a própria razão desconhece. Frequentemente, estamos de mau humor, não temos orgasmos e nem estamos felizes quando queremos. Sofremos de graves problemas determinados por pequenas causas e adoramos comer o que nos faz mal. Esse, definitivamente, não é o quadro do desenho inteligente, do criacionismo, mas da evolução ao acaso e sem direção em que a racionalidade é uma surpresa da sobrevivência numa perspectiva caótica. Aliás, os próprios scholars bíblicos destacavam as falhas de caráter humano na metáfora da serpente e da maçã.

Se a TR faz sentido, então podemos argumentar nos próprios termos de “Kluge”. Afinal, não temos dúvida de que humanos que somos, temos falhas naturalmente. Mas veja-se a complexidade de entendimento que envolve um trivial roteiro de viagem internacional, por exemplo. Imagine-se desde as restrições impostas pelo passaporte, pela compra de passagens aéreas via internet, pelo embarque e desembarque, por toda a

comunicação antes durante e depois do voo entre a tripulação e o aeroporto. Os cuidados de manutenção de modo que a ida e volta com segurança chegue a parecer um verdadeiro milagre de comunicação e entendimento. Pois bem, isso ocorre diariamente entre todas as cidades do mundo em que temos milhões de pessoas envolvidas e milhões de voos com precisão de horário e segurança estatisticamente comprovada. Isso sem contar com a tecnologia de aviões sofisticadíssimos capazes de levantar do chão incríveis toneladas. Como pensar que nossa mente é um kluge, se, diante de tal complexidade, todas as milimétricas formas de contato dependem de acordo sobre finos graus de relevância? E a própria guerra tão sem sentido em uma visão catastrofista, que fenômeno de articulação de estratégias de poder bélico, que complexidade de organização e precisão comunicativa! A própria computação nasceu por influência da necessidade de mensagens precisas, de mísseis supercontrolados, de sistematização bélica. Sim, desprezamos constantemente as regras da Lógica, aceitamos falácias e falácias, mas fomos geniais ao conceber os sistemas lógicos em sua consistência, completude e decidibilidade. Como explicar o telefone, o rádio, a TV, a internet e as maravilhosas tecnologias de comunicação de massa. E tudo depende inevitavelmente de protocolos de relevância. E somos capazes de transmitir informação através de uma história milenar com um alto nível de entendimento e traduzir línguas diversas e de complexas diferenças a ponto de nos fazermos compreender inclusive sobre culturas diversificadas e estranhas para nós. Tudo via relevância. Não conseguiríamos nem abordar nossa fragmentada memória não fosse pelo gancho da relevância. Imagine-se se não pudéssemos selecionar o de que precisamos para entender uma trivial troca de diálogos. Se tivéssemos que percorrer todas as trilhas, pastas e arquivos para depois chegarmos à compreensão de uma mísera piada. Talvez não vivêssemos o suficiente para rir dela.

Se a mente é, de fato, um Kluge, podemos raciocinar nos próprios termos da TR contra ela. Como se explica uma tendência cognitiva para maximizar a relevância diante de tantas irrelevâncias cotidianas. Sim, a TR é bem mais restrita. Refere-se, apenas, aos fenômenos de comunicação ostensivo-inferenciais, às intenções informativas e comunicativas. Mas como é capaz de justificar as inúmeras formas discursivas redundantes e sem efeitos cognitivos positivos que povoam diariamente os diversos contextos comunicativos das pessoas comuns. Como argumenta Costa(2005), o discurso de sociabilidade diária, os cumprimentos, as conversas light de lazer, os diálogos intermináveis altamente redundantes pelo telefone, a atenção dedicada ao rádio, televisão, internet em notícias repetidas e já não mais informativas, tudo parece ser uma prática interminável de irrelevâncias absolutamente familiares. A própria Internet com seu 1 trilhão de páginas é navegada praticamente pelos mesmos caminhos. Os internautas deixam uma rota do histórico de navegações em que é surpreendente a redundância de mesmos sites. E o que dizer das falas afetivas e amorosas, em que expressões como “eu te amo” são repetidas de maneira exaustiva e, até, mecanicamente por uma vida. Isso sem chegar ao autismo típico do tipo exilado urbano que não chega a ouvir o que o outro diz, concentrado em falar de si mesmo e de seus problemas pela milionésima vez. E as considerações sobre o tempo, sobre política e sobre futebol, são relevantes exatamente em quê? E as advertências e conselhos de mais velhos e superpais que, dizem os jovens, entram por um ouvido e saem pelo outro. E quanto ao discurso político, como é possível justificar e explicar a relevância das intermináveis e falsas promessas. E as falácias argumentativas, sempre as mesmas. E o que dizer dos clichês, ditados e provérbios ?

GT Cognição, relevância e interface semântico-pragmática

Como decidiríamos entre Kluges e Relevância ? entre cérebro/mente relevante, como indício de desenho inteligente e como evolução ao acaso resultado das pressões imediatas. Parece que o comportamento clássico das explicações científicas segue um certo modelo de lógica em que ou o sistema é perfeito ou é caótico. Diz-se que, num sistema dedutivo, uma única contradição trivializa suas operações. De P & - P, segue-se R, sendo R um qualquer. A TR parece querer comprometer-se com uma base intrínseca ao ser humano na direção da racionalidade relevante. Kluge é o argumento de que não é possível ter direção racional se as evidências apontam milhões de incongruências. Mas, talvez, a constatação mais óbvia seja uma advertência contra os extremos. Qualquer alternativa radical parece entrar em conflito com uma idéia de experiencialismo e livre arbítrio. Se a relevância é tomada como tendência forte, seremos dirigidos por ela, sem alternativas; se o caos se impõe, então nada há que possa garantir a racionalidade de qualquer opção. Quem sabe, estamos entre o relevante e o caótico, um pouco racionais, um pouco arbitrários, mas construindo a história por linhas tortas mas não circulares. Por que não aceitar kluges em nossas deduções não-triviais sem cair na trivialidade aterradora? Talvez a melhor forma de entender o conflito entre a TR e uma reflexão cética como em Kluge seja construir a questão abducativamente. Se se assume a noção de relevância, então se tem a melhor explicação para a racionalidade da comunicação quando ela se dá; se, por outro lado, se assume a mente como Kluge, então se tem a melhor explicação para as inúmeras discrepâncias da comunicação quando a racionalidade esperada não se dá. O que resta? O otimismo de defender a TR, considerando Kluges qua situação de relevância em última instância, ou o ceticismo de defender Kluges, considerando a relevância para o indivíduo qua Kluge dos sistemas formais stricto sensu.

Referencias

COSTA, J. C. A Teoria da Relevância e as Irrelevâncias da Vida Cotidiana. **Linguagem em Discurso** ,Tubarão, v.5, p.161-169 ,2005.

RAUEN, Fábio José ; SILVEIRA, Jane Rita (orgs)**Linguagem em Discurso** ,Tubarão, v.5 especial sobre Teoria da Relevância ,p. 268. 2005.

MARCUS, Gary. **Kluge – The Haphazard Construction of Human Mind**. New York: PHM Company, 2008.

SPERBER,D.&Wilson,D. **Relevance – Communication and Cognition** . Oxford: Blackwell, 1986/1995.

WILSON,D & SPERBER,D. Teoria da Relevância. **Linguagem em Discurso** ,Tubarão, v. 5,p. 221-268 ,2005.